NO CENTENÁRIO DE FERNANDES TÁVORA

Antonio Alencar Araripe

"Ficai na certeza de que é muito difícil ser sempre o mesmo homem". (Francisco Otaviano, Discurso na Câmara, de 11.2.1864).

A ampulheta do tempo registra, hoje, a passagem do século de nascimento, na fazenda "Boa Altura", de Jaguaribe, do notável homem de Estado, cujo nome parlamentar se acha enunciado na intitulação do prsente bosquejo. Como um dos mais antigos e dedicados amigos e admiradores sobreviventes de tão destacado conterrâneo, estimaríamos ter tido, oportunidade para nos pronunciarmos, pela imprensa, sobre seus méritos, atributos e atitudes, ao ocorrer o respectivo trespasse, a 23 de setembro de 1973; mas, infelizmente, devido à minha ausência desta Capital, tornou-se impossível satisfazer tal pretensão.

Atendendo à notoriedade da grande e recíproca estima, que há mais de meio século mantínhamos, poder-se-ia inquinar de suspeito, pela relação do afeto, o depoimento que oferecêssemos a propósito de alguns aspectos de sua gloriosa existência.

Vivemos em um país, como observa o historiador José Honório Rodrigues, onde as considerações afetivas complicam a direção dos negócios públicos. Daí o filhotismo, o nepotismo, o genrismo, e outras formas comuns de favoritismo ligadas ao personalismo. (Ref. do Brasil", p. 115). Sobre o mesmo assunto, lê-se, nos "Problemas de Política Objetiva", de Oliveira Viana, "ser deplorável o pendor amigueiro, parenteiro e camaradeiro que influencia nossos homens públicos, a ponto de fazê-los agir em

sentido contrário às graves razões de Estado, ao sentimento dos interesses coletivos, ao dever de respeito à lei ou à majestade da justiça".(3a.ed. p. 92/3).

Na hipótese em apreço, improcede, a todo ponto, a idéia de suspeição de nosso despretensioso pronunciamento, ora vindo a lume, uma vez que se trata de exaltação da personalidade de homem público, sem a mínima discrepância, julgada, há muito, por seus contemporâneos, como legítimo porta-voz das qualidades peculiares ao estadista do feitio moral de Feijó, quais sejam: consciência cívica, inteligência, firmeza de convicções, clarividência, energia, honestidade e, acima de tudo, um caráter impoluto, este o primeiro e principal requisito para o homem de governo. A esta altura, é óbvio acentuar, inexistem novos aspectos a serem revelados, ao se traçar o painel de heráldica figura do autor de "Algo de Minha Vida", "Idéias e Perfis" e outras preciosas publicações. Por isso, limitamo-nos a aludir a algumas circunstâncias que, pelo menos, podem servir para dar maior clareza e expressão à história de sua existência.

Escreveu Fernandes Távora possuir a consciência de nunca se haver desviado das normas da dignidade e do dever ("Algo de Minha Vida", 2a. ed. p. 30). O Senado da República, ao proclamá-lo, sem reservas, pela voz de um dos seus mais ilustres membros, o Senador gaúcho Mem de Sá "exemplo perfeito para os senadores atuais, para os senadores que hão de vir e para as gerações do Brasil as atuais e as vindouras" sem dúvida ratificou, implicitamente, a convicção íntima do parlamentar cearense sobre sua retilínea conduta.

Na perfuntória análise que estamos procedendo a respeito dos predicados cívicos e morais que tanto enaltecem a personalidade do conterrâneo em apreço, cumpre-nos considerar os aspectos que mais se projetam em sua vida pública e particular: a) o homem de bem, b) o político idealista, c) o lídimo patriota.

O homem de bem a toda prova

Não se sabia em Fernandes Távora como se ignorava em Silveira Martins, segundo seu biógrafo Pedro Jacques onde acabava a vida pública, nem onde começava a vida privada, tanto aquela invadia e subjugava esta.

Os comentários, adiante transcritos, feitos a propósito do condestável gaúcho, ajustam-se ao estadista cearense em apreço: "Durante quase meio século, a atividade particular do grande cidadão confundia-se com a sua ação pública. O Crítico encontrou sempre dificuldades em distinguir-lhe os atos privados dos atos públicos, tão intimamente ligados se lhe apresentam. Não conheceu, este homem estraordinário, a ambição pessoal, o egoísmo. Nenhum outro interesse, que não o coletivo, lhe movia o pensamento e a atividade. Era eminentemente altruista" (Gaspar Silveira Martins, p. 221). Homens desse elevado porte, que se identificam modelar no seu comportamento público ou particular, raramente são encontradiços em nossas tradições históricas. O que nestas infelizmente, se registra é o fato de apregoados guardiões da pureza do regime, em nome de sua qualidade de "homens de partido", se entregarem "às mais impudentes concessões", para satisfazer as exigências da politicalha, consoante a observação do sociólogo Oliveira Viana, nas "Instituições Políticas Brasileiras" (v. II, p. 31).

Temos aí o evidente caso de portadores de virtudes públicas, que não têm precedentes em virtudes privadas, e que, como tais, apoiado em Saint-Simont, chama Vianna Moog, no "Em Busca de Lincoln", de "virtudes de teatro". (p. 60).

No que toca a essa duplicidade de caráter do político, chegou-se a indagar no sul do País, como poderia um militar trocar a sua independência pela dependência das transações da politicagem, trocar a linha reta e indivisa, que a investidura militar traça ao soldado, pela triste linha tortuosa, que as ambições impõem às camarilhas sem programa e aos corrilhos sem bandeira, e trocar sua moral íntegra e firme, fundada no dever, na disciplina, na justiça por essas Duas Morais paralelas da vida demagógica uma moral no lar e na vida íntima, e outra moral na vida pública; uma condenando todas as traições na existência doméstica e, outra, tolerando, aconselhando e praticando todas as mistificações e todas as deslealdades na existência partidária (Barbosa Lima Sobrinho, "Presença de Alberto Torres", pp. 290/1).

Costuma-se dizer que os políticos (talvez porque haja neles o "homo duplex" dos moralistas, com uma face boa e outra má) têm um critério bifronte, como Jesus, adotando uma moral pública, ou política, paralela e

independente de moral privada — moral que toma as cores e os jeitos das conveniências e do oportunismo, moral de epigrama.

Fernandes Távora constitui exemplo frisante de chefe político de relevo, que sempre repudiou os condenáveis processos utilizados pelos discípulos da moral de Maquiavel, que cada vez mais abundam em nossas cúpulas partidárias.

O político idealista

Assinala-se que a Política, no Brasil, é menos serviço público, do que meio de vida privada. Nele se vive da Política, e não, como ocorre em nações de maior desenvolvimento cultural, para a Política; ali se disputa o governo para realizar idéias; aqui isso se faz para colher os proventos pessoais que proporciona. Nossos homens públicos, alçados às cúpulas da administração, via de regra comportam-se de forma "desvirtuada e aberrante", porque se prendem aos interesses pessoais de família, ou de clã, ao invés de se inspirarem nas pretensões da coletividade. Depõe, sobre o baixo nível de nossa vida partidária, Alcides Carneiro, brilhante parlamentar paraibano: "Incursionei na política, onde os homens me ensinaram os caminhos do inferno e o estilo do diabo. Aprendi depressa, mas depressa enjoei. Ela não é, senão para muitos poucos, a arte humana de trabalhar pelos outros. De qualquer forma, para se vencer, politicamente, é preciso enganar muito e mentir outro tanto. No começo há os engulhos. Depois, o estômago aceita. A natureza sábia e os homens sabidos".

Essa política da nossa tão malfadada velha e nova República, caracterizada pela profunda vacuidade e falta de motivação coletiva de seus vultos mais representativos, jamais poderia constituir ponto de atração para homem do porte cívico e moral de Fernandes Távora, que nunca dobrou a cerviz ou implorou misericórdia aos senhores do poder, apesar das "decepções, amarguras, perseguições e derrotas sofridas".

Infenso às atividades da "pequena política", tão abominada por Joaquim Nabuco como este Fernandes Távora vivia da "Política com P grande", que é história, e onde o partícipe sempre se envolve em algum "magnate moral" (Minha Formação, pp. 33/86). Quem nunca foi visto por seus companheiros de estreita convivência de meio século "tergiversar,

ou mentir" ("Algo de Minha Vida", p. 35), é natural que, agora, se julgue ter deixado um "exemplo difícil" de ser seguido (Aderbal Sales, cit. p. 41). No Brasil, cada vez mais rareiam homens dessa felpa, que a exemplo de Fernando de Azevedo, se honrem em proclamar: "o que eu queria ser era eu mesmo, sem dissimulações" (História de Minha Vida, XIV).

Se, outrora, entre nós abundava a mentira oficial, a mentira ministerial, a mentira parlamentar, a mentira diplomática, a mentira pública e a mentira particular, conforme o testemunho de Tavares Bastos ("Cartas do Solitário", 2a. ed. p. 321), hoje é certo que a mentira campeia com maior desenvoltura, mormente nos círculos oficiais. Não foi comum ao meio em que viveu a forma pela qual aquele vexilário da firmeza de ação e da verdade ditou seu comportamento nas diversas fases das alternativas de sua militância na vida partidária. Afirma-se que a ação do político é meritória à plenitude da vida do Estado, mas, como o centro da gravitação das atividades dos partidos deva ser o das idéias, e jamais o das pessoas ou dos postos, torna-se indispensável que os políticos tenham crescente autoridade moral, ganhando irrestritamente a confiança pública.

Não se envolveu o magno filho de Jaguaribe, na política partidária, porque lhe ignorasse os vícios e mazelas, de que no País se revestem suas atividades, ou porque dela esperasse qualquer proveito pessoal. Juízo acertado sobre os danos e os efeitos da política, já emitira em memorabilíssimo ensaio, intitulado "Eternos Supliciados", inserto na "Folha do Povo" de 14.7.1914, e em "O POVO", de 15.4.72, onde se lê: "A política, essa devassa barriga sem entranhas, de ventre estéril, que entre nós nada constrói e tudo devasta, sempre nos foi maior calamidade que todas as secas, culminando com esgares de feroz impudicícia, os nossos infortúnios".

Escreveu ele que "não sentia qualquer propensão para a política" onde sempre se sentiu "como corpo estranho pela dificuldade de adaptação, e nela entrou atendendo tão-somente às razões do coração, e que, na mesma enredado, sofreu as conseqüências de um ambiente adverso, e daí a série imensa de obstáculos e contrariedades, que o torturaram por mais de meio século".

Para se ter uma lembrança da repulsa, que provocava a política então exercitada no País, rememoremos conceitos emitidos por Rui: "Nossa políti-

ca é cada vez mais mesquinha e imprevidente. Só as questões de bairros nos movem e apaixonam. Toda a seiva de nossa inteligência e da nossa energia se esvai nos combates de personalidades, toda a atividade de nossa administração no meneio dos expedientes, toda a capacidade dos nossos estadistas na intriga, na astúcia, na cabala, na vingança, na inveja, na condescendência com o abuso, na salvação das aparências, no desleixo do futuro. Dos problemas econômicos ninguém cura seriamente. Dos morais, seria risível esperá-lo. Funciona cada vez mais franca a mentira eleitoral, para entregar o governo, em todos os graus da sua hierarquia, às incapacidades mais notórias, é o que se quer. Na defesa do País ninguém pensa".

Damos testemunho pessoal, como partícipe em várias lutas em que se envolveu Fernandes Távora, na defesa dos direitos de seus correligionários, sobre a forma destemida com que enfrentava os arreganhos dos donatários absolutos do poder. Vivíamos, antes do evento de 30, sob disfarçado regime ditatorial, que, por, "eufemismo intolerável", se cognominava de "legalidade". As eleições feitas a bico de pena, não passavam de mero simulacro. Os homens da situação trancavam as urnas e forjicavam, a bel-prazer, as atas falsas, em que só se davam como eleitos os adeptos do situacionismo. Lutar na oposição, sem garantia para os sufrágios, era nadar contra a corrente, sem nenhuma esperança de conquistar o poder.

Foi em meio a essas dificuldades,a bem dizer irremovíveis que Fernandes Távora entendeu de percorrer, quase sempre a cavalo, grande parte do interior, convocando os homens de boa vontade e amor à Pátria para reunirem forças e combaterem a usurpação dominante. Organizou um partido político, montou jornal para dar combate aos usurpadores das posições, estimulou protestos e representações contra a violência e a fraude, e apresentou-se, até na Comissão de Verificação de Poderes, no Rio, no intuito de evidenciar as ilegalidades praticadas em um pleito e clamar pela cessação de tal estado de coisas. Seus amigos tinham todos os direitos negados, a cada instante. Assasínios, desacatos pessoais, violencias, espoliações, tudo praticavam contra seus correligionários. Mas o chefe ali estava, sempre, de viseira erguida, para condenar os desmandos e imputar a responsabilidade aos governantes. Luta tenaz sustentou, impávido, Fernandes Távora contra os usurpadores do poder naqueles odiosos tempos, de que só nos libertamos com a instituição sob a égide da Revolução de 30, da Justiça Eleitoral.

O lídimo patriota

No rápido período da gestão governamental (8 meses), nos mandatos políticos (Assembléia, Câmara dos Deputados e Senado da República), no desenvolvimento de sua ação partidária, em todos esses setores da vida pública, Fernandes Távora revelou-se, invariavelmente, o patriota da melhor estirpe, consagrado, antes e acima de tudo, aos altos interesses da comunidade. Combateu denodadamente os desmandos e malservações da Pátria Velha, da ditadura getuliana e dos maus governos, que se têm sucedido no poder em nossa Pátria.

Elevado ao poder, em algumas oportunidades, no exercício das funções que lhe foram cometidas, revelou excepcionais aptidões. Deputado eleito para as Assembléias Nacionais Constituintes de 1934 e 1946, coube-lhe participar, nas mesmas, como um dos principais líderes da memorável campanha para a redistribuição das rendas nacionais, de modo a que Estados e Municípios interioranos delas viessem a participar, saindo da situação de penúria financeira em que se debatiam.

Sua atuação, neste tocante, em defesa dos interesses das aludidas edilidades, foi de inestimável relevância, conforme se pode constatar, consultando os Anais das aludidas Assembléias. Discursos e emendas, bem fundamentadas e convincentes, ali se encontram, evidenciando a afirmativa. Por sua vez, o ruidoso caso da Itabira Iron, que envolvia altos interesses da Nação, e o problema da libertação do Nordeste dos efeitos da seca, mediante o represamento e a utilização das águas pluviais, mereceram seus constantes e frutuosos cuidados. Isso indica que não foi desarrazoado o aparte do senador Jefferson de Aguiar, quando lhe atribui "ardor patriótico" em todos os momentos de sua atividade parlamentar, de modo a se constituir um exemplo raro no Parlamento brasileiro.

Li, algures, que os grandes homens públicos, por sua reputação, constituem o patrimônio moral de uma Nação, e que o seu culto constitui uma virtude. Diz-nos melhor Belmiro Valverde, nos "Aspectos da Vida do Brasil", pág. 323: "Os pensadores e moralistas nos dizem que o nome e a memória dos grandes homens são o dote de uma Nação". E Esmiles nos repete: "O espírito de um grande pensador permanece durante séculos na lembrança dos homens, e acaba por fazer parte da sua vida e dos seus hábitos".

Aqueles que fizeram da liberdade uma religião, do patriotismo um culto, da verdade um evangelho — como os ínclitos conterrâneos com que o município de Jaguaribe dotou o País: Manoel Joaquim, o Tiradentes da revolução de 1924, Juarez, Ademar e Fernando do Nascimento Fernandes Távora — pertencem, incontestavelmente, a essa gloriosa pléiade de homens públicos que merecem o nosso profundo respeito e calorosa admiração. É muito difícil ser sempre o mesmo homem, como sustenta Francisco Otaviano, estadista de relevo no regime passado, mas, na realidade, Fernandes Távora nunca diversificou na prática dos atos de sua vida pública e particular; conservou-se invariavelmente, "íntegro, franco, leal e sincero".